Da terra às telas: redes sociais, territorialidade e o desinteresse juvenil pelo trabalho rural no Brasil

Débora Antônia Carvalho, Dianne Magalhães Viana, Ana Cláudia Maynardes

Palavras-chave: Juventude rural; Redes Sociais; Trabalho rural

O presente artigo[1] analisa como a diminuição do interesse das juventudes pelo trabalho rural, intensificada nas últimas décadas no Brasil, é influenciada não apenas por fatores socioeconômicos estruturais, mas sobretudo pelo papel das redes sociais na configuração de novos imaginários e identidades. A partir das contribuições teóricas de Flusser, Maldonado, Bauman e Han, argumenta-se que a cultura digital promove uma desmaterialização da experiência, deslocando o valor social das práticas ancoradas na materialidade, como a agricultura, para ocupações caracterizadas pela informação, flexibilidade, mobilidade e performatividade visual. As redes sociais atuam como dispositivos de modulação comportamental que reorganizam os desejos e expectativas dos jovens por meio de algoritmos que reforçam a homogeneidade, intensificando estigmas históricos associados ao trabalho rural e invisibilizando sua complexidade.

1 Introdução

A diminuição do interesse das juventudes pelo trabalho rural tem se intensificado nas últimas décadas, especialmente no Brasil. De acordo com levantamentos do IBGE[2], há um deslocamento crescente dos jovens para áreas urbanas motivado por expectativas de estudo, renda e reconhecimento social, nos últimos 12 anos, o Brasil perdeu 4,3 milhões de moradores na zona rural e ganhou 16,6 milhões nas áreas urbana. Entretanto, há um elemento transversal que reconfigura esse movimento com intensidade inédita: o papel das redes sociais na produção de imaginários aspiracionais urbanos e na desvalorização simbólica da vida rural. Nas últimas duas décadas, as redes sociais deixaram de ser ferramentas de interação esporádica para se tornarem infraestruturas centrais da vida cotidiana. Plataformas como Instagram, TikTok e Twitter passaram a organizar formas de ver, sentir e agir no mundo, moldando comportamentos e expectativas, segundo Flusser, o “interesse existencial desloca-se cada vez mais das coisas para a informação” (Flusser, 2009, p. 98), se antes a decisão de permanecer ou deixar o campo era majoritariamente influenciada por fatores socioeconômicos, hoje a cultura digital que medeia estruturas de desejo, pertencimento e identidade também é peça chave no êxodo rural. Grande parte da juventude cresce consumindo imagens técnicas,

[1] Foi utilizado ferramenta de inteligência artificial generativa (ChatGPT) como apoio à revisão gramatical e ortográfica do texto.
[2] Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41901-censo-2022-87-da-populacao-brasileira-vive-em-areas-urbanas acesso em 7 de Dezembro de 2024

algoritmos de recomendação e narrativas urbanas idealizadas, que enfatizam estilos de vida desmaterializados, hiperconectados e centrados na performatividade visual, com a ascensão dos influenciadores digitais, o desejo por marcas e pela vida urbana tem sido intensificado em detrimento de uma identidade rural.

Assim, este artigo busca responder à seguinte questão: de que modo as redes sociais reconfiguram o imaginário territorial juvenil e contribuem para a desvalorização simbólica do trabalho rural?

A discussão fundamentada em Flusser, Maldonado e Bauman e Han, busca refletir sob diferentes perspectivas, a desmaterialização, conectividade virtual e a fragilidade dos laços na contemporaneidade. O objetivo é compreender como as redes sociais e seus algoritmos contribuem para o desinteresse dos jovens pelo trabalho rural, ao promover a desmaterialização da experiência, redefinir os imaginários do possível e do desejável e evidenciar os estigmas da vida no campo.

2 Metodologia

O presente artigo trata-se de pesquisa qualitativa de natureza teórico-conceitual, fundamentada em revisão bibliográfica interdisciplinar nos campos do design, filosofia da técnica e sociologia digital, com uma discussão fundamentada em Bauman (2012), Flusser (2010), Han (2022) e Maldonado (2012). A análise parte de uma abordagem crítica-interpretativa, articulando dados demográficos do IBGE com categorias como desmaterialização,redes sociais e pertencimento territorial. Foram também utilizadas ferramentas de inteligência artificial, especificamente ChatGPT e NotebookLM, como apoio técnico-metodológico no levantamento bibliográfico desta pesquisa. Seu uso estava restrito ao suporte operacional de sistematização e exploração dos dados, cabendo à autora a leitura crítica, a interpretação analítica do material e a elaboração das conclusões da pesquisa.

3 Juventude, ruralidades e a crise do pertencimento material

A crise do pertencimento material, intensificada no encontro entre juventude e ruralidades, evidencia a tensão crescente entre o foco histórico na cultura material e a primazia contemporânea das não-coisas: informações, imagens e códigos que estruturam a experiência digital. Tomás Maldonado (2012) já demonstrava cautela diante das tendências de desmaterialização técnica, alertando que a cultura projetual não poderia se dissociar das responsabilidades sociais e materiais que a sustentam:

> Não existe ação cultural que não seja, em certo sentido, também uma ação técnica. A cultura técnica, até então uma arriscada proposta teórica, tornou-se uma realidade. Essa realidade pode agradar ou

> não, conforme o ponto de vista. Mas ainda assim continua sendo uma realidade. (Maldonado, 2012, p. 161)

Tendo em vista essa indissociação da responsabilidade social é importante refletir em que instância a juventude atual, tende a ser moldada pelos conteúdos das redes sociais, que por vezes, modulam expectativas, desejos e identidades, e em que medida esse comportamento tende a impactar na busca por trajetórias profissionais flexíveis, mutáveis e sem fronteiras definidas. Trata-se, assim, de um crescente ideal de carreira alinhado às exigências da contemporaneidade: autoconsciência contínua, adaptabilidade constante e disponibilidade permanente para a mudança, alinhando-se às carreiras, consumo e vida urbana. Em contraste, o trabalho rural permanece globalmente estigmatizado, associado a esforço físico intenso, baixa valorização simbólica e poucas oportunidades percebidas de inovação ou ascensão, sendo por vezes sua representação midiática tratada de forma caricata e associada a falta de progresso.

3.1 O campo e a conectividade

O campo muitas vezes pode ser percebido e estigmatizado pelos próprios jovens como um "lugar isolado e atrasado" e esse sentimento pode ainda ser intensificado quando estruturas familiares patriarcais ditam jovens, especialmente as mulheres, como simples ajudantes, tirando deles a autonomia financeira ou o poder de decisão sobre o próprio destino. Um exemplo prático dessa realidade é o relato de uma jovem de 22 anos do interior gaúcho, concedido à pesquisadora Zótis (2011), o isolamento digital e social foi um fator determinante para a sua migração, pois enquanto suas amigas na cidade tinham acesso a tecnologias de comunicação, ela era privada dessa inclusão "Eu vivia muito isolada das pessoas aqui, minhas amigas tinham celular, internet, e eu nem sabia o que era MSN e Orkut". Em outro estudo realizado em Serranópolis do Iguaçu (PR), Marsaro (2023) constata que quase 94% dos jovens do município não possuíam poder de decisão nas propriedades e que a maioria não tinha participação real nos lucros, recebendo apenas uma "ajuda simbólica" dos pais, que passavam a enxergar a metrópole como o espaço definitivo de liberdade e emancipação. Isso fortalece a indústria cultural que fetichiza os valores urbano-modernos (CAROLLO, 2017), construindo a imagem de que a cidade é o único "mundo das possibilidades" e o único caminho para um futuro promissor.

Ainda que com o tempo, a conectividade do campo tenha melhorado e o exemplo anterior já não seja a predominância atual, com a introdução da agricultura digital e a expansão do acesso à internet, o imaginário virtual ainda contribui para exibir fragilidades sociais e assimetrias presentes no contexto rural. Essa conectividade também tem substituído a mão de obra

humana por uma mecanização do campo, obrigando os jovens buscarem por mais escolarização e serviços básicos que continuam sendo um grande atrativo do meio urbano.

Por outro lado, quando a internet de qualidade chega ao campo, ela pode reconfigurar esse cenário, encurtando as barreiras existentes entre o rural e o urbano, fortalecendo as identidades locais e permitindo que o campo utilize estratégias de comunicação para promover as suas qualidades, permitindo a remodelação do imaginário coletivo. Um exemplo é a aplicabilidade da marketing territorial no contexto rural, exposto na pesquisa de Barros e Gama (2009) um caso de sucesso do uso dessa tática foi a criação de uma marca regional para a Rede das Aldeias do Xisto, localizada no Centro de Portugal que atuou num contexto rural abandonado, revitalizando a imagem da região e atraindo novos fluxos de turismo, melhorando a qualidade de vida dos residentes.

É ainda fundamental discutir que a agricultura familiar pode ser um promotor na transformação ecológica mundial. Em contraponto com a agricultura latifundiária alinhada à visão capitalista, a agricultura familiar tende a se preocupar com a produção para o abastecimento local e fortalecimento da territorialidade, abandonando um ponto de vista exploratório e cultivando práticas que respeitam a biodiversidade e o ecossistema, abrindo discussões sobre a necessidade de sua manutenção para um futuro sustentável da humanidade.

3.2 Cultura digital, desejo e crise do pertencimento material

A crise do pertencimento material pode manifestar-se como uma aversão crescente à materialidade estigmatizada. A cultura digital, ao performar como uma infraestrutura dominante da vida social, transforma as referências do que é considerado trabalho e vivências desejáveis ou de valor, afastando a juventude dos laços, identidades e práticas historicamente associados ao pertencimento material rural. Flusser argumenta que vivemos em um mundo dominado por imagens técnicas, isto é, representações programadas por aparelhos que substituem a experiência direta da materialidade. Essas imagens, ao contrário das tradicionais, não buscam representar o mundo: elas o modelam e reorganizam a forma como o percebemos, "no passado, almejava-se formalizar o mundo como dado adquirido, ao passo que agora se visa realizar formas esboçadas para produzir mundos alternativos” (FLUSSER, 2010, pág. 21) .

Um dado que aponta essa realidade é a ascensão de uma nova categoria de trabalho, os “influenciadores digitais”, tidos como expressão máxima do desejo e consumo, esses profissionais dedicam a vida em ditar tendências daquilo que é bom e deve ser consumido e modelado para a construção de uma “vida ideal digital”. Segundo matéria da revista digital Exame (2025), um estudo realizado pelo Reglab, aponta o Brasil como o país com mais

influenciadores digitais no mundo, com cerca de 3,8 milhões de criadores de conteúdo que movimentam 20 bilhões de reais por ano.

Nesse sentido, o ambiente digital deixa de atuar como uma rede de compartilhamento de vivências e passa a atuar na modulação daquilo que é desejado, consumido e perseguido como projeto de vida. Ao favorecer narrativas marcadas pela visibilidade, pelo consumo e pela idealização de experiências dissociadas da materialidade produtiva rural, as plataformas reforçam a desvalorização simbólica do campo e tensionam os vínculos de pertencimento da juventude com seu território.

3.3 Desinteresse Juvenil e Estigmatização do Trabalho Rural

Globalmente (e no contexto brasileiro especificamente), a agricultura tem enfrentado um declínio acentuado do interesse da juventude. Os dados do Censo 2022 revelam que apenas 12,6% da população vive em áreas rurais, um contingente de 25,6 milhões de pessoas, contra 87,4% em áreas urbanas. Entre 2010 e 2022, o país registrou aumento de 16,6 milhões de habitantes nas cidades e uma perda de 4,3 milhões nas zonas rurais. Esse deslocamento maciço e acelerado pode demonstrar que fatores estruturais de urbanização se combinam com transformações simbólicas e culturais, muitas vezes impulsionadas pelas redes sociais para tornar a agricultura uma opção cada vez menos atrativa para as juventudes.

Unay-Gailhard e Brennen (2022) demonstram que a comunicação digital influencia significativamente a forma como jovens percebem a agricultura como carreira. Ela aparece associada a esforço físico “sujo”, baixa renda, ausência de inovação, rotinas rígidas e mobilidade reduzida, elementos que contrastam radicalmente com a estética imaterial, aspiracional e estetizada das redes sociais. Além disso, o conteúdo e construção das narrativas nessas plataformas privilegia vivências que reforçam estilos de vida urbanos, limpos e tecnologicamente mediados, deslocando a percepção de valor para ocupações vinculadas à intelectualidade, criatividade, tecnologia e serviços.

A presença de estigma adquire contorno ainda mais forte quando se considera o recorte de gênero: Wang e Zhang (2022) demonstram que o uso da internet aumenta a probabilidade de mulheres rurais migrarem para trabalhos não agrícolas, jovens mulheres frequentemente associam a agricultura a papéis secundários, “a esposa do fazendeiro”, “ajudante”, reforçando a marginalização histórica. As redes, ao reproduzirem imagens idealizadas ou caricaturais da vida rural, muitas vezes aprofundam essa disparidade.

Outro fator crucial, segundo Gouveia (2024) é o reforço das filter bubbles. Se um jovem rural manifesta resistência ou desinteresse pela agricultura, o algoritmo restringe sua exposição a conteúdos que contestariam essa visão, e intensifica discursos que valorizam trajetórias urbanas, digitalizadas e desmaterializadas. Com isso, constroem-se universos de sentido cada

vez mais distantes da realidade rural. Essa formatação algorítmica não apenas desmaterializa a percepção do mundo, mas também gera "bolhas" que isolam o indivíduo de experiências plurais, moldando ambientes simbólicos homogêneos e autorreferenciais. A análise de Maldonado sustenta esse ponto ao demonstrar como comunidades construídas em ambientes digitais tendem à rigidez interna e à eliminação da divergência:

> As comunidades virtuais, enquanto associações espontâneas de sujeitos com pontos de vista unânimes, apresentam pouquíssima dinâmica interna. Devido ao seu elevado grau de homogeneidade, elas tendem a ser veementes referenciais de si mesmas. Frequentemente se comportam como verdadeiras seitas. Um exacerbado senso de grupo tende a rejeitar qualquer diferença de opinião entre seus membros. (Maldonado, 2012, p. 24)

Han (2022, p. 10) aprofunda esse raciocínio ao evidenciar que a homogeneização promovida pelas redes não se limita às comunidades, mas atinge toda a experiência do indivíduo no mundo digital:

> O terror do igual abrange, hoje, todas as esferas da vida. Viaja-se para todos os lugares, sem se ter uma experiência. Tornamo-nos familiares com tudo, sem chegarmos a um conhecimento. Acumulam-se informações e dados, sem se chegar a um saber, porém, se permanece sempre igual a si mesmo. Acumulam-se friends e followers, sem nunca se encontrar com o outro. Mídias sociais representam um estágio de atrofia do social.

Assim, tanto Maldonado quanto Han ajudam a compreender que, ao reforçar ambientes homogêneos e autorreferenciais, os algoritmos não apenas podem afastar os jovens da materialidade rural, mas também podem reconfigurar a própria noção de convivência, pertencimento e construção de sentido. Esse ambiente de repetição e hiper-homogeneidade tende a reforçar o distanciamento do mundo físico e dificulta o reconhecimento da diversidade e complexidade do trabalho agrícola.

Em Ensaios sobre o conceito de cultura, Bauman descreve a cultura como um sistema estruturante capaz de reduzir a entropia, organizar significados e orientar ações humanas. No contexto contemporâneo, as redes sociais assumem esse papel, funcionando como novos organizadores simbólicos que estabilizam expectativas, classificam comportamentos e modulam interações. Entretanto, para Bauman, a cultura não é apenas estrutura: ela é também práxis, isto é, ação humana que transforma o ambiente. Nas redes sociais, porém, essa práxis se torna profundamente condicionada por molduras previamente definidas, modelos de postagem, formatos de interação, métricas de visibilidade, sistemas de recomendação. Trata-se de uma práxis enformada, programada e limitada pela arquitetura das plataformas. Nesse cenário, o campo e o trabalho rural passam a ser representados de maneira binária: ou como uma utopia bucólica, estetizada em vídeos curtos e filtrados, ou como um espaço obsoleto que só se tornaria desejável quando revestido por tecnologias de ponta (agricultura digital, drones,

automação). Essa lógica estreita pode não apenas empobrecer as representações possíveis, mas contribuir para a alienação crescente em relação ao trabalho rural tradicional, reforçando a percepção de que o setor pertence ao passado e não a um futuro imaginável pela juventude.

4 Redes Sociais, algoritmos e as tecnologias de captura da atenção

A elaboração das redes sociais, sustentadas por dispositivos de captura da atenção e modulação comportamental, vem contribuindo para uma profunda reconfiguração da percepção de valor do trabalho, especialmente do trabalho rural. Esse processo manifesta-se na diminuição do interesse e, cada vez mais, na presença de vergonha associada à profissão entre jovens (UNAY-GAILHARD, BRENNEN, 2022). Tal transformação emerge da combinação entre a redefinição algorítmica da subjetividade, em que segundo Han (2022), já não existe mais espaço para a alteridade, o que predomina é o igual, e a intensificação da dicotomia entre os valores hegemônicos do mundo digital (informação, flexibilidade, imagem, mobilidade) e os estereótipos negativos historicamente associados à vida no campo (materialidade, esforço físico, imobilidade, baixa valorização simbólica):

> A rede se transforma, hoje, em um campo de ressonância especial, em uma câmara de eco, da qual é eliminada toda alteridade, toda estranheza. A ressonância real pressupõem uma *proximidade* do outro. Hoje, a proximidade do outro dá lugar à ausência de distanciamento do igual. A comunicação global permite apenas iguais outros ou outros iguais. (Han, 2022, p. 15)

4.1 Modulação Algorítmica da Subjetividade e a Degradação da Materialidade

O termo algoritmo, hoje amplamente utilizado para descrever processos computacionais que organizam, selecionam e distribuem informações, possui uma história que antecede em muito a tecnologia digital. Em sua origem etimológica, ligada às traduções latinas das obras de al-Khwārizmī no século XII, o algoritmo referia-se a um procedimento finito e ordenado para solucionar problemas aritméticos. Ou seja, tratava-se de uma forma de controle e automação do raciocínio, elementos que continuam a estruturar seu uso no campo computacional contemporâneo. Assim, os algoritmos são estruturas compostas por uma sequência de passos executados em uma ordem que dão uma solução para um problema, “O cálculo, em contrapartida, é uma repetição sem fim do igual" (Han, 2022, p. 12).

Nas redes sociais, os algoritmos funcionam como verdadeiros dispositivos que operam por meio da otimização, vigilância e direcionamento contínuo dos comportamentos, preferências e relações humanas. Segundo Gouveia (2024), em sua dissertação sobre “os algoritmos das redes sociais como dispositivos de modulação comportamental", através de processos de datificação e perfilização, esses sistemas mapeiam hábitos, gostos e modos de vida para reorganizar o fluxo de atenção dos usuários. Plataformas como Instagram, TikTok, YouTube ou

Facebook utilizam algoritmos para maximizar o tempo de permanência do usuário, medir sua responsividade e ajustar constantemente recomendações. Trata-se de um ecossistema algorítmico no qual as fronteiras entre comportamento humano e instrução computacional se tornam difusas.

O episódio de *Abstract* sobre Ian Spalter, lançado em 2019, revela com clareza a dimensão estratégica do design digital. Ao redesenhar o Instagram, Spalter enfatiza que mudanças mínimas podem alterar drasticamente a forma como milhões de pessoas interagem. O botão de publicação, a paleta de cores, a hierarquia visual: tudo é pensado para facilitar o fluxo e incentivar o usuário a continuar dentro da plataforma. Um ponto central abordado no episódio é a necessidade de criar uma experiência "fluida", a plataforma busca ser suave, contínua, sem atritos, e, portanto, sem pausas. A ausência de pausas remove também a possibilidade de reflexão, deslocando a vida para um estado permanente de consumo imagético, segundo Han (2022, p. 8), as redes oferecem "aos consumidores aqueles filmes e séries que correspondem ao seu gosto, portanto eles curtem. Eles são, como gado de consumo, engordados com o sempre novo igual". Nesse contexto, a equipe de Spalter elaborou o recurso de rolagem infinita no instagram, que permite que o usuário role infinitamente pelo feed sem nunca chegar ao fim, aumentando o seu tempo na rede social . Além disso, é importante observar que este episódio documental relata uma tecnologia inserida anterior a 2019, desde esse período para a atualidade, as interfaces das redes sociais continuaram evoluindo, trazendo uma experiência ainda mais fluída e pautada por algoritmos hiper treinados para oferecer informações viciantes para o usuário.

Essa economia da atenção desloca o foco de interesse dos indivíduos e modifica profundamente a hierarquia de valores que orientam sua compreensão de mundo. Nesse sentido, Flusser já antecipava uma transvaloração estrutural: o deslocamento do interesse existencial das "coisas" para as "não-coisas". A materialidade, incluindo o valor simbólico do trabalho manual, rural ou fabril, perde centralidade, enquanto o sistema passa a valorizar informações, códigos, imagens e processos imateriais. O trabalho necessário para produzir coisas concretas torna-se minoritário em relação ao trabalho que produz e manipula informações. A experiência é conduzida por gestos mínimos (arrastar, tocar), e não por ações corporais complexas. O corpo é reduzido a dedo; a experiência, a pixels; o encontro, a imagens:

> Este novo ser humano que está para nascer à nossa volta e dentro de nós não tem, de facto, mão. {..} O novo ser humano deixou de ser um homem de acção (Handelder), sendo agora um jogador: homo ludens, não homo faber. A vida já não é um drama para ele, antes um espetáculo. Já não é uma questão de acções, mas sim de sensações. O novo ser humano não deseja fazer ou ter, mas sim viver. (Fluseer, 2010, p. 100)

Han (2022) complementa ainda esse pensamento, abordando que a política atual de hiperprodutividade associada com a infinita coleção de informações da Big Data impedem a produção do saber, o que intesificaria a superficialidade do sujeito, que já não importa mais de possuir ligação com a terra, com a família, com a materialidade, se não com a afirmação do eu igual ao outro:

> Mesmo a maior coleção de informação, Big Data, dispões de muito pouco saber. Por meio do Big Data se descobrem correlações. {..} Nada é, então, compreendido [begriffeb]. Assim, o Big Data torna o pensamento superficial. Entregamo-nos sem pensar ao assim- é. (Han, 2022, p. 12)

Ao mesmo tempo, os algoritmos contribuem para a formação de subjetividades flexíveis, adaptáveis e permanentemente atualizáveis. A juventude atual tende a manifestar motivações profissionais alinhadas a modelos de carreira proteanos (autogeridos, guiados pela autoconsciência), carreiras sem fronteiras (mobilidade geográfica, desapego ao território) e carreiras intrínsecas (propósito, satisfação pessoal) como mostram estudos recentes sobre o papel das mídias digitais na escolha profissional dos jovens (Unay-Gailhard; Brennen, 2022). O mundo digital, com sua fluidez e promessa de autonomia, aparece como espaço compatível com essas expectativas; o trabalho rural, ao contrário, surge como rígido, territorializado e pouco compatível com tais demandas.

5 Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste artigo evidencia que o desinteresse crescente das juventudes pelo trabalho rural já não pode ser compreendido apenas a partir de fatores socioeconômicos tradicionais, como infraestrutura limitada, menor oferta educacional ou precariedade de renda. Embora esses elementos permaneçam relevantes, eles não explicam, por si só, a intensidade e a velocidade das transformações recentes. A cultura digital e, particularmente, o funcionamento algorítmico das redes sociais, tornou-se um vetor central na reconfiguração dos imaginários sociais, dos desejos profissionais e das formas de pertencimento territorial, embora os algoritmos exerçam forte influência, sua atuação se articula a fatores estruturais históricos e desigualdades territoriais pré-existentes.

Ao mesmo tempo, a predominância de modelos de interação pré-formatados reduz a capacidade dos jovens de elaborar experiências complexas e enraizadas, principalmente se pensar que o amadurecimento é contra a lógica acelerada da "política de tempo atual" (HAN,

2016, p. 12) impedindo também a formação de um saber emancipatório. O trabalho rural, que exige continuidade, paciência, envolvimento com ciclos naturais e responsabilidade material que entra em conflito com a lógica imediatista, visual e performática das redes.
Portanto, o afastamento das juventudes do trabalho agrícola não deve ser interpretado como um fenômeno meramente individual ou contingente, mas como uma consequência sistêmica da reorganização dos regimes de visibilidade, valor e desejo na era digital.

Para enfrentar esse cenário, torna-se necessário repensar a atuação do design na promoção do espaço rural. Nesse contexto, o design pode contribuir para reduzir as barreiras simbólicas que estruturam o imaginário depreciativo sobre a vida no campo, ao propor novas formas de representação, mediação e valorização das ruralidades contemporâneas. A partir de uma perspectiva participativa, torna-se possível construir narrativas mais plurais, situadas e socialmente engajadas, capazes de envolver os sujeitos locais e favorecer processos de fortalecimento do bem-estar rural. Também se faz fundamental refletir sobre como a atuação no contexto digital pode ser orientada para o fortalecimento das identidades territoriais, especialmente entre as juventudes, que ocupam posição central na construção de novos sentidos para a permanência no campo. Nesse sentido, o desenvolvimento rural não pode depender exclusivamente de políticas públicas ou de soluções técnico-produtivas voltadas ao aumento da performance. É igualmente indispensável investir em estratégias culturais e simbólicas que traduzam a potência da vida rural em toda a sua complexidade. Assim, o designer pode atuar como mediador e tradutor cultural, mobilizando ferramentas projetuais, comunicacionais e visuais para ressignificar o imaginário rural, fortalecer vínculos identitários locais e contribuir, de forma ativa, para a valorização da permanência da juventude no campo.

Referências

Bauman, Z. (2012). Ensaios sobre o conceito de cultura. Zahar.

Flusser, V. (2010). Uma filosofia do design: A forma das coisas. Relógio D'Água.

Gouvea, A. L. R. (2024). Os algoritmos das redes sociais como dispositivos de modulação comportamental [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais].

Han, B.-C. (2022). A expulsão do outro: Sociedade, percepção e comunicação hoje. Vozes.

Maldonado, T. (2012). Cultura, sociedade e técnica. Blucher.

Unay-Gailhard, İ., & Brennen, M. A. (2022). How digital communications contribute to shaping the career paths of youth: A review study focused on farming as a career option. Agriculture and Human Values, 39, 1491–1508. https://doi.org/10.1007/s10460-022-10335-0

Wang, W., & Zhang, S. (2022). The impact of internet use on rural women's off-farm work participation: Empirical evidence from China. Sustainability, 14(24), 1–17.

https://doi.org/10.3390/su142416972

BARROS, Cristina; GAMA, Rui. Marketing territorial como instrumento de valorização dos espaços rurais: uma aplicação na rede das Aldeias do Xisto. Cadernos de Geografia, Coimbra, FLUC, n. 28/29, p. 93-106, 2009/10.

ZÓTIS, Tássia Scariot. Causas e consequências da evasão de jovens da comunidade rural de São Vitor, município de Camargo/RS. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Camargo, 2011

MARSARO, Leonardo João. Êxodo rural de jovens no município de Serranópolis do Iguaçu (Paraná): causas da evasão. 2023. 106 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento) – Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política, Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, 2023.

CAROLLO, Chaiane. Administração de pequenas propriedades rurais e a problemática do êxodo rural de jovens: um estudo em Ciríaco. 2017. 60 f. Estágio Supervisionado (Bacharelado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis, Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, 2017.